

Em Tese

EDUCAÇÃO COMO ABERTURA RADICAL: BELL HOOKS E A PEDAGOGIA CRÍTICA.


Education as Radical Openness: bell hooks and the Critical Pedagogy.

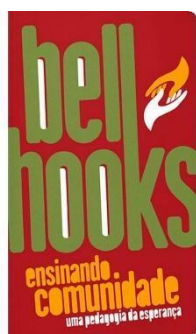
Loren Marie Víturi **BERBERT**

Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, Brasil

lorenberbert@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8083-9505> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 



hooks, bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

Palavras-Chave: Educação. Pedagogia crítica. Antirracismo.

Keywords: Education. Critical Pedagogy. Anti-racism.



1 INTRODUÇÃO

Esperançar, para bell e Freire, é condição para o estabelecimento de comunidades educativas dispostas a reagir à violência das opressões vigentes em ambientes estruturalmente hostis à liberdade de expressão e a questionamentos das relações verticalizadas que as sustentam (GONÇALVES, 2021, p. 15).

Um mês após a primeira publicação de *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança* no Brasil, em dezembro de 2021, bell hooks nos deixou. A radicalidade de suas palavras nos move, nos inspira a esperançar, e a investir em práticas concretas que possam transformar a educação nesse espaço de liberdade, comunidade e autorrealização descritos por ela.

Ao planejar uma resenha para compor o dossiê *Horizontes do Pós-colonial* pensei imediatamente em uma obra de bell hooks. Ainda que a autora não tenha se filiado oficialmente a nenhuma das correntes mais tradicionalmente relacionadas a esse escopo de reflexões, e que se possa questionar a introdução de uma intelectual norte-americana na composição do dossiê, o peso e a importância das obras da autora no pensamento crítico e nas práticas anti e descolonizadoras é inegável.

Como afirma Edna Gonçalves, socióloga que assina o prefácio de *Ensinando Comunidade*, a obra de bell hooks ocupa um espaço especial na formação de intelectuais e ativistas brasileiras, em especial mulheres negras que produzem conhecimento a partir da intersecção entre raça e gênero. Para além da influência da autora nos estudos e propostas decoloniais brasileiras, temos que a trilogia de livros da autora sobre a educação reflete o profundo diálogo entre as ideias e práticas da autora e do educador brasileiro Paulo Freire, cujas citações aparecem em diversas passagens, e que ocupa todo um capítulo em *Ensinando a Transgredir*.

Em um diálogo de si consigo mesma – Glória Watkins e bell hooks - a autora explora a influência de Freire em seu pensamento e em suas obras, destacando que o educador brasileiro foi um dos pensadores cuja obra lhe proporcionou uma linguagem, além de lhe imbuir de coragem para o trabalho de resistência. Reconhecendo o sexismo ainda presente em suas obras, ela defende uma apropriação crítica do pensamento freiriano, destacando que ao contrário de muitas feministas brancas, em Freire há o reconhecimento da subjetividade daqueles menos privilegiados. A relação entre os processos de descolonização e a conscientização é outro ponto de toque entre ambos (hooks, 2017, p. 65-82).

Dessa forma, é possível pensar na trilogia tanto como um ponto de partida para reflexões pós-coloniais, quanto uma síntese de diálogos vários, de hooks com interlocutores que ocupam diversas margens geopolíticas e epistemológicas. Como nos lembra Gonçalves (2021, p.12), no entanto, o “exercício de transposição” das reflexões de hooks para o contexto brasileiro depende de um olhar que reconheça as especificidades do nosso contexto, em especial a profunda difusão do mito da democracia racial em nossa sociedade.

Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança compõe a trilogia de livros da autora sobre o tema da educação e mais especificamente sobre as experiências de aprender e de ensinar. No Brasil a obra fecha a trilogia, ainda que originalmente seja o “filho do meio”, publicado em 2003 entre *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade* e *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*, publicados pela primeira vez em 1994 e 2010, respectivamente.

Assim como os demais, *Ensinando Comunidade* é organizado em capítulos relativamente curtos, que apresentam as reflexões da autora sobre os mais diversos temas que orbitam as práticas de ensinar e de aprender, desde tópicos como educação democrática e racismo, até sexo e espiritualidade. Interessante notar como ambas as obras da trilogia atestam o equívoco de pensar a educação e a aprendizagem na sala de aula como elementos que podem ser desassociados das demais dimensões da vida de professores e alunos. Parte da radicalidade de que seu argumento encontra-se na concepção da educação como um processo que envolve a integralidade dos seres, e a centralidade da “sabedoria prática”, intenção que permeia todos os 16 capítulos da obra, adequadamente apresentados como ensinamentos.

Para hooks, “educar é sempre uma vocação arraigada na esperança” (p.28), e ela pretende destacar com o conjunto de ensaios a necessidade de construirmos, através de pedagogias progressistas, um senso de conexão, comunidades que possam disputar um sentido de educação que rejeite os pressupostos do patriarcado capitalista imperialista supremacista branco.

No primeiro ensinamento, “O desejo de aprender: o mundo como sala de aula”, a autora descreve a importância da entrada de vozes dissidentes na academia, e o impacto da introdução dos estudos negros e feministas nas salas de aula. De forma reacionária a essas mudanças, aponta os ataques conservadores que, através das grandes mídias reproduzem discursos de ódio baseados na oposição nós/eles, e pretendem desqualificar e dismantelar tais programas, baseados no pensamento crítico e na diversidade.

Já no capítulo seguinte, “Um tempo de licença: sala de aula sem fronteiras”, a reflexão tem como objeto os espaços de ensino-aprendizagem. Ao reconhecer o esgotamento que a docência pode acarretar, hooks entende a necessidade de afastamento do espaço institucional, e o poder desse deslocamento na descoberta de outros ambientes para a construção de comunidades de aprendizagem.

Ao “reconhecer a extensão da influência do pensamento supremacista branco na construção de cada aspecto de nossa cultura” (p. 67), no capítulo 3 “conversa sobre raça e racismo”, hooks reivindica a necessidade, não só de discursos antirracistas que circulem em espaços elitizados, mas de práticas contínuas e construção de espaços inclusivos. Denuncia também os privilégios da branquitude e de classe que perpassam a discussão racial, destacando a necessidade de enfraquecimento de toda socialização que resulta na manutenção da dominação.

Questão enfrentada também no capítulo seguinte, “Educação democrática”, na medida em que a autora defende como objetivo da educação democrática a busca por formas de ensinar que rompam com as estruturas de dominação. Além do compromisso com uma “abertura radical”, a pedagogia crítica de hooks entende o ensino e a aprendizagem como momentos que não devem se contrapor ao “mundo real”, e que possam acontecer também em espaços não institucionalizados. Mais uma vez é enfatizada a necessidade de criação de laços que possam se sobrepor ao caráter competitivo dos ambientes educacionais.

Retomando a questão racial no ensinamento 5, “O que acontece quando pessoas brancas se transformam”, a autora afirma que o fim da segregação racial nos Estados Unidos não levou à integração, e argumenta pela necessidade de pessoas brancas na luta antirracista. Para a autora o antirracismo é uma escolha moral por justiça social, a qual as pessoas brancas devem fazer, destacando também que a ênfase na “segurança”, ou seja, a tentativa de evitar conflitos, pode ser uma barreira para a solidariedade interracial. Tal posicionamento, relativo à abertura não só para o consenso, mas também para o conflito e para as situações em que nos encontramos em diálogo com interlocutores com ideias diferentes e até opostas às nossas, é defendido em diversos momentos do livro.

Dando continuidade ao tema do racismo e à importância de posicionamentos antirracistas na educação, a autora defende no capítulo 6, “Padrões”, que a integração deve se dar a partir da lógica “ambos/e” e não “nós/eles” que sustenta o pensamento supremacista branco. Ao lembrar a infância no sul segregado, hooks enfatiza a importância dos professores negros e antirracistas na construção da autoestima das

crianças, e a dificuldade de manutenção dessa autoestima quando, após a segregação, crianças negras passam a ser ensinadas por professores racistas. Longe de defender a segregação racial, o testemunho da autora coloca em tela a necessidade de transformação individual de professores e professoras, para uma integração antirracista que “exige que aceitemos as múltiplas formas do saber, da interação” (p.137).

No capítulo seguinte, “Como podemos servir”, hooks define o ensino como uma tarefa de cuidado, e o servir bem aos estudantes como um ato político de resistência crítica. Para a autora, ao oferecer um conteúdo ético em sala de aula, a prática do cuidado e o “estar a serviço dos alunos” torna-se uma prática contra-hegemônica, ao quebrar o paradigma pedagógico dominante, que ainda coloca estudantes como seres hierarquicamente inferiores e, portanto, portadores de menos direitos.

Já em “Superando a vergonha” o tema abordado é o da humilhação da qual são vítimas principalmente alunos negros, mesmo antes de adentrarem as salas de aula. Segundo a autora, “uma das maneiras por meio das quais o racismo coloniza a mente e a imaginação de pessoas negras é a vergonha sistemática. O principal veículo para esse sentimento é a grande mídia” (p. 58). Nesse sentido impõe-se a necessidade de professoras e professores confrontarem a questão da humilhação, que tem como consequência um processo de desumanização. A educação como prática da liberdade, ao contrário, promove o reconhecimento e a consequente humanização de grupos marginalizados.

Em seguida temos “guardiões da esperança: o ensino em comunidades”, onde hooks retoma o diálogo com Ron Scapp, iniciado em *Ensinando a transgredir*. No formato de uma conversa, ambos refletem sobre a abertura emocional, e a possibilidade de construção de comunidades através do antirracismo. Scapp também aborda o processo de “desconstrução” do seu lugar de homem branco na relação com hooks. Os valores da generosidade, coragem e abertura são citados como centrais para a realização da “promessa democrática”.

No ensinamento 10, “Aprendizado progressista: um valor de família”, hooks trata da complexa relação com sua família. Afirmando mais uma vez seu compromisso com a abertura e a honestidade, reflete sobre a consequência de seu trabalho na trajetória de seus pais e irmãos que, segundo ela, se sentiram vitimados pela exposição autobiográfica de assuntos privados em suas obras. Ao apresentar os diferentes caminhos percorridos pelos seus familiares, hooks destaca o aprendizado mútuo que configura tais relações.

Para além das relações familiares, em “Um diálogo sincero: ensinar com amor”, somos apresentados à definição de amor como “combinação de carinho, comprometimento, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança” (p. 208). Hooks defende, contra um objetivismo dominante que valoriza a competição entre os alunos, a dedicação ao bem-estar dos estudantes e a criação de conexões entre eles. Dessa forma, a autora coloca novamente o cuidado como um ato político que prepara os sujeitos para a abertura radical, que compreende mente e coração. Interessante notar como a pedagogia crítica de Hooks abraça elementos considerados inadequados a um espaço desenhado para, muitas vezes, suprimir as dimensões emocionais de professores e alunos, entendidas como contrapostas à racionalidade institucionalizada.

O capítulo 12, “O sexo bom: pedagogia apaixonada”, é provavelmente o mais polêmico do livro, uma vez que bell hooks reivindica uma dimensão positiva e potencialmente transformadora em relacionamentos eróticos entre professores e alunos no contexto universitário. Segundo ela, a perspectiva “proibicionista” seria conservadora, infantilizaria os estudantes, e os colocaria sempre no lugar de vítimas e não de seres autônomos que também desejam. Ela entende que o problema está no abuso, e no que ela denomina uma “erotização da dominação” por alguns professores homens, mas que estabelecer a vulnerabilidade antecipada dos estudantes é afirmar que todo contexto de diferença de poder é um contexto de abuso. O problema desse tipo de relação seria a masculinidade patriarcal, e como ela se expressa no contexto acadêmico.

Nos três capítulos seguintes, “Espiritualidade na educação”, “Assim é a nossa vida: ensino sobre a morte”, e “Questões espirituais na sala de aula”, hooks toca mais uma vez em um tema controverso entre educadores e militantes progressistas: a espiritualidade. Especialmente no contexto brasileiro, a questão apresenta-se de forma problemática, uma vez que a espiritualidade é quase sempre relacionada exclusivamente com as religiões cristãs, e onde o preconceito contra as religiões de matriz africana ainda se configura como uma das faces mais presentes do racismo.

Ao fazer a conexão entre a prática espiritual – principalmente a partir de uma perspectiva budista – e a luta de libertação dos oprimidos, hooks afirma que “talvez uma das lutas políticas mais intensas que enfrentamos – e a maior batalha espiritual – na busca por transformar a sociedade seja o esforço de manter a integridade do ser” (p. 247). Segundo a autora, as práticas espirituais, que não são necessariamente religiosas, nutrem e potencializam o ensino progressista.

Um bom exemplo de tal potencial é dado por hooks quando ela faz da morte uma presença que nos lembra de estarmos no presente, advogando pela introdução de práticas de atenção plena nas salas de aula. Sobre a relação entre o “foco no agora” e a escola, a autora desvela a conexão entre o entusiasmo pela educação e pelo conhecimento e o fortalecimento de comunidades. Estar “inteiro no agora”, preservando a integralidade do ser, auxilia os estudantes a darem sentido aos momentos de ensino-aprendizagem sem precisarem recorrer ao futuro, e os motiva a construir laços mais significativos entre si.

Assim como em outros momentos do livro, é através de seu testemunho autobiográfico que hooks explora o tema da espiritualidade. O potencial da dimensão espiritual é defendido tendo como pano de fundo sua própria experiência e a conexão estabelecida entre sua trajetória nas dimensões espiritual e política. Para a autora, no seu contexto do sul norte-americano segregado, “reivindicar identidade espiritual era um lugar de resistência crítica, um modo de se posicionar contra a desumanização racista” (p. 267). Nesse sentido, a conexão com a dimensão espiritual torna-se uma questão de direito à integralidade do ser, de existência como sujeito, como ser humano, um ato de resistência ao pensamento supremacista branco. Por isso reivindica também uma educação que “honre as necessidades do espírito”, o que implica o reconhecimento da totalidade do ser.

Finalmente, e da mesma forma como em *Ensinando pensamento crítico*, hooks finaliza o manuscrito com um capítulo sobre “Sabedoria prática”. Ambos capítulos têm em comum a ênfase da autora no elemento da abertura radical como uma característica intrínseca à pedagogia crítica e à vida intelectual. Ao se reconhecer ao mesmo tempo como uma intelectual pública e uma voz dissidente, ela nos convida a construir comunidades que não se constituam a partir do medo das diferenças, mas da possibilidade de diálogo também com aqueles que não seriam nossos aliados naturais. Segundo ela:

A cultura do dominador tentou alimentar o medo dentro de nós, tentou nos fazer escolher a segurança em vez do risco, a semelhança em vez da diversidade. Deslocar-se nesse medo, descobrir o que nos conecta, nos divertir com nossas diferenças; esse é o processo que nos aproxima, que nos oferece um mundo de valores compartilhados, de uma comunidade significativa. (hooks, 2021, p. 293).

Nesse sentido, temos em *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*, mais um manifesto em favor de uma educação democrática, libertadora, plural e aliada da mudança, da abertura e da coragem de assumir os conflitos que precisam ser enfrentados. A perspectiva de hooks, uma mulher e intelectual negra comprometida com uma educação antirracista e desestruturadora dos princípios do patriarcado capitalista imperialista

supremacista branco é imbuída de uma radicalidade que compreende todas as dimensões do ser. Sua defesa inegociável à integralidade do ser é, talvez, o ponto central da obra, que direciona o sentido da construção de comunidades significativas.

Mais do que um livro teoricamente orientado, *Ensinando comunidade* nos proporciona, de fato, ensinamentos de “sabedoria prática”, ou seja, reflexões que só cumprem seu potencial quando traduzidas no cotidiano concreto das salas de aula. Educadores e educadoras comprometidos com uma educação menos colonizada pelos diversos eixos em que a dominação se apresenta tem na obra um valioso escopo de reflexões e experiências, assim como estudantes que estejam procurando formas de se aproximar do conhecimento de uma forma politicamente radical e apaixonada.

REFERÊNCIAS

GONÇALVES, Edna. Prefácio. In: hooks, bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA


EDUCAÇÃO COMO ABERTURA RADICAL: BELL HOOKS E A PEDAGOGIA CRÍTICA

Loren Marie Vituri Berbert

Doutoranda em Sociologia e Ciência Política pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestre em Sociologia Política pela mesma universidade.

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

lorenberbert@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8083-9505> 

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.



PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no **Portal de Periódicos UFSC**. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Recebido em: 16 de fevereiro de 2022

Aprovado em: 17 de fevereiro de 2022